

A Rosa Mística: por uma mística do cotidiano, da arte, da beleza e da Rosa

Alexandre Medeiros¹

Resumo: Este ensaio tem o intuito de provocar e incitar a contemplação. Em certo sentido, quebrar as amarras que nos tornam “cegos ao maravilhoso”. A partir do conceito de participação de Tomás de Aquino, explorados por Josef Pieper e Jean Lauand, experimentar o espanto, o encanto, o admirar-se com as coisas simples. Ver “além da pedra” (Adélia Prado). Através da teologia e poesia de Rubem Alves e Adélia Prado, saborear a mística de encantar-se com o comum, com a Rosa.

Palavras Chave: Tomás de Aquino - Josef Pieper – Adélia Prado - Mística do Cotidiano – Admiração.

Abstract: This text aims to provoke and excite contemplation. Against the obstacles that make us "blind to the wonderful". From the concept of participation of Thomas Aquinas, as exposed by Josef Pieper and Jean Lauand, towards wondering: admiration about the *mirandum*, the reality of our everyday life. The *mirandum* to see “beyond the stone” (Adélia Prado). Through theology and poetry of Rubem Alves and Adélia Prado: the mystique of daily *mirandum*.

Keywords: Thomas Aquinas - Josef Pieper - Adélia Prado - Mystic - Daily life - Admiration.

Se as pessoas soubessem ler poesia, os terapeutas teriam menos trabalho, e as sessões de análise se transformariam em concertos de poesia (Alves, 2011, p.9).

Introdução

João Sérgio Lauand em seu estudo *Temas e Figuras do Pensamento Medieval*, escreve que Tertuliano de Catargo (160-220 d.C) na Tunísia, foi quem assumiu para o Cristianismo o maniqueísmo de Mane (215-275 d.C), persa que estabeleceu a dicotomia matéria x Espírito. Não demorou muito para que o conceito de bem e mal, nós e eles, se transformasse na semente dos fanatismos religiosos, que adotaram o maniqueísmo de Mane, e o moralismo de Tertuliano. Hoje, muitas igrejas ainda vivem assombradas com ideias e pensamentos como estes (LAUAND, 2009, p. 12-14). Um exemplo disto, encontramos no final dos anos 1800 e início dos anos 1900. Alguns movimentos religiosos americanos diziam:

Os que estão aguardando e esperando o aparecimento de Cristo nas nuvens do Céu não se misturarão com o mundo em sociedades e reuniões de divertimento, meramente para seu próprio deleite [...] Entre as casas de diversões, a mais perigosa é o teatro. Em lugar de ser uma escola de moralidade e virtude, como costuma ser chamada, é ele justamente o viveiro da imoralidade [...] Os únicos entretenimentos seguros são aqueles que não afugentam os pensamentos sérios e religiosos (WHITE, 2008, p. 74-77).

Orientações como a acima refletem o pensamento ainda hoje de muitas religiões, de muitas igrejas e denominações. São meras reproduções do pensamento que Tertuliano escreveu no século III d.C.

¹ Bacharel em Administração de Empresas – UNIB; Especialista em Estudos Teológicos – UNASP; Mestre em Ciências da Religião – UMESSP; Doutorando em Ciências da Religião – UMESSP.

Não irás ao circo, nem ao teatro, nem às competições, não irás a jogos [...] Feliz o homem que não foi para a assembleia dos ímpios nem foi visto no caminho dos pecadores nem se sentou na cátedra dos grandes trastes (TERTULIANO, *apud* LAUAND, 2009, 16).

No caso do movimento religioso americano, a escritora acreditava que “as palavras [...] foram dadas pelo Senhor” (*Apud*, SUÁREZ, 2012, p. 46). E continuam acreditando até hoje, que são palavras vindas diretamente do Céu, continuam orientando em seu manual: “não patrocinemos diversões comercializadas, unindo-nos às multidões de mundanos, negligentes e amantes do prazer, que são antes amigos dos prazeres que amigos de Deus” (MANUAL, 2005, p. 179). Continuam promovendo encontros para ratificarem estas orientações, como o documento intitulado “Estilo de Vida e Conduta Cristã”²:

o objetivo é reafirmar a crença bíblica defendida pela Igreja [...] quanto ao comportamento de um cristão diante de diferentes situações da sua vida cotidiana como recreação, mídia, vestuário, sexualidade, joias, ornamentos e saúde” [...] A intenção foi resumir, em uma linguagem simples mas clara e objetiva, o que Deus estabeleceu em Sua Palavra sobre esses temas (NORMAS CRISTÃS, 2012).

Tertuliano daria total apoio a um documento como este. Instituições que acreditam ter o poder e o direito de legislar sobre a recreação, o vestuário, a sexualidade e a saúde dos indivíduos. Para Tertuliano, as mulheres que “pintam o cabelo com açafrão [...] pressagiam com a sua cabeça a cor do fogo do inferno” (*Apud*, LAUAND, 2009, p. 15).

Este ensaio *A Rosa Mística: Por uma mística do cotidiano, da arte, da beleza e da Rosa*, faz parte da análise crítica de posicionamentos como estes, que transformam o mundo em que vivemos em um local sórdido, transformam a vida das pessoas que humildemente querem fazer a vontade de Deus, em um viver grave e sério, onde a festa e a alegria são símbolos da maldade. Logo, este mundo grave, mal, triste, pecador e sujo, necessita “passar” rapidamente, para que o Paraíso seja alcançado numa vida por vir, e enfim a felicidade chegue. Nossa sorte é que 1000 anos depois de Tertuliano e Mane, chegou Tomás de Aquino³ no século XIII para condenar a ideia de mundo mal, e trazer novamente a ideia de que Deus é “criador do céu, da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis” (LAUAND, 2009, p. 14). Como escreve Rubem Alves, “o demônio é grave, sério, não brinca, não dança” (ALVES, 2011, p. 109 e 114), e Deus pelo contrário é um brincador (LAUAND, 2014). Alves diz que na “sala de visitas da teologia”, discute-se apenas coisas respeitáveis e quando uma criança entra tropeçando, o pai a fulmina, com um olhar gelado (ALVES, 2012, p. 41). Mas nós, não podemos esquecer que “Deus é o dono da loja de brinquedos”, e foi Adão que cansou de brincar e quis levar a vida a sério. Resultado: “Ficou triste”. Eu não acredito num Deus que fulmina com seu olhar gelado, mas acredito num Deus que dança, brinca e sorri (ALVES, 2011, p. 114).

Não quero mais templos e igrejas, mas a cozinha.

² Uma comissão de líderes de oito países sul-americanos da Igreja Adventista do Sétimo Dia – IASD, votou no final de 2012 este documento, que contém diversas proibições “tertulianas”. Eu estive presente nesta votação em Brasília/DF.

³ Tomás de Aquino (1224 – 1275), conhecido pelos seus esforços para harmonizar a filosofia aristotélica com o cristianismo. Enfrentou o desafio de “harmonizar a teologia bíblica com plena aceitação da realidade natural, a partir de Aristóteles” (LAUAND, 2000, p. 7).

... Moro agora na cozinha. A companhia me agrada. Primeiro, Lutero assentado à mesa com Mellanchton, bebendo sua cerveja [...] conversas ao redor da mesa... Ah! Como é bom fazer teologia assim! (ALVES, 2012, p. 41).

Jean Lauand, comentando o episódio de Heráclito, explica que é no ordinário que os deuses estão presentes, no inaparente cotidiano, junto ao forno que aquece o pão e a casa, na cozinha, “aqui mesmo que estão os deuses” (LAUAND, 2012, p. 27). Sendo assim, nosso desafio neste ensaio é procurar o admirável, o *mirandum* (PIEPER, 2007, p. 45), ou seja, buscar na filosofia-poética, o elemento admirativo que conduz à mística. O conceito de Participação de Tomás de Aquino será a chave para iniciar esta busca; os intérpretes Josef Pieper e Jean Lauand, o arcabouço teórico para o presente estudo. A poetisa Adélia Prado e o Teólogo Rubem Alves, as linhas estéticas para traduzir os conceitos estudados em uma mística do cotidiano. O ensaio tem o intuito de provocar e incitar a contemplação. Quebrar as amarras que nos tornam “cegos ao maravilhoso”. A partir do conceito de participação de Tomás de Aquino, experimentar o espanto, e o encanto em admirar-se com as coisas simples (LAUAND; CASTRO, 2011, p. 31 e 34). Ver “para além da mera pedra”, para evocar o famoso verso de Adélia (cf. LAUAND, 2012, p. 29).

1. O Conceito de Participação de Tomás de Aquino.

Cristo e suas muitas metáforas (sal, pão, luz, caminho, videira, vida, etc...), nos revelam um conceito distintivo perante as outras religiões (Islamismo, Judaísmo e outras): o conceito de participação (LAUAND, 2013, p. 11). Participação, *metékhein*, é “ter-com”, um Ter em oposição ao Ser, é um Ter pela dependência, um Ter por outro Ser. Este conceito foi amplamente utilizado por Tomás de Aquino. Ele entende que a criatura tem o Ser, por participar do Ser - Criador (LAUAND, 2013, p. 14). Na verdade é a ideia de que sempre que duas coisas têm algo em comum, é porque “houve causa comum”, sempre que algo é compartilhado em diferentes graus, há a existência daquele que tem, de modo perfeito, o “algo” partilhado. Falemos de um objeto que possui luz, por participar de um algo luminoso, “uma fonte luminosa”. É ter o ser, por participar, por tomar parte - *partem capere* daquele que “É” luz (LAUAND, 2013, p. 14). Guimarães Rosa no livro Noites do Sertão, diz que “o sol não é os raios dele, é o fogo da bola” (ROSA, 1988, p. 184). Enfim, “o homem reflete, a bondade, verdade e beleza de Deus” (LAUAND, 2013, p. 15). Jean Lauand utiliza a metáfora do gelo para clarear esta ideia. Quando o gelo é colocado na cerveja (num isopor por exemplo), as garrafas que ficam mais perto do gelo, gelarão mais. Logo o gelado é partícipio, *participatio*, do gelo em contato com a garrafa (LAUAND, 2013, p. 17-18). Ou seja, você não diz que o gelo está gelado, porque ele já é o próprio gelo (LAUAND, 2016).

Tomás de Aquino, influenciado pelo *pseudo* Dionísio Areopagita⁴, (citou-o 2000 vezes em sua obra), desenvolveu uma compreensão equilibrada da escritura judaico-cristã, na qual cabem a interpretação alegórica e mística das escrituras (LAUAND, 2013, p. 19, 33 e 29).

Para Tomás o ser-humano participa - *metékhein* - do Ser de Deus duas vezes, uma porque somos criaturas e outra porque temos a filiação divina, salvos por Seu

⁴ Na mesma época em que Boécio (da prisão) escreve sua obra sobre a Trindade (sem citar uma única vez a Bíblia!), o *Pseudo* Dionísio Areopagita escreve obras como *Os nomes de Deus*, também *Teologia Mística*, entre outras, mostrando a transcendência de Deus, inalcançável pela nossa pobre linguagem (e pensamento), que vão influenciar o pensamento de Tomás de Aquino (LAUAND, 2013, p. 32)

Filho. Logo, participamos na criação e participamos na salvação por intermédio do Filho de Deus (LAUAND, 2016). Isto muda completamente nossa compreensão sobre o mundo, mas principalmente nossa compreensão sobre o “outro”. Neste conceito, qualquer pessoa, tem o Ser de Deus, por *participatio* na criação e salvação. “O Salvador do mundo vem para Se tornar participante da nossa natureza humana” (FRANCISCO, 2015). Diante da encarnação do Filho, Tomás de Aquino se coloca num silencioso respeito ante a mística⁵ (LAUAND, 2013, p. 44).

2. Um convite à contemplação.

O Papa Francisco em sua mensagem de Natal no final de 2015, fez referencia a uma palavra específica: *stupore*⁶. Ele recomenda no início do texto, para não esquecermos, apontando três lugares de admiração e encantamento a serem “olhados”: o outro, a história, e a igreja (FRANCISCO, 2015). Mas

Em primeiro lugar o outro [...], porque desde que aconteceu o Natal de Jesus, cada rosto assemelha-se ao Filho de Deus... (FRANCISCO, 2015)

Ou seja, o “primeiro lugar” a ser olhado com “admiração” é o outro. Logo, sem reconhecer no outro a face admirável do Salvador, não se tem Natal. Não se tem o *stupore* de amor, paz e esperança (FRANCISCO, 2015). Este convite para contemplarmos (olharmos com admiração) a história e principalmente o “outro”, nos faz pensar que mesmo com todas as mazelas existentes ao longo da história, ainda ali está presente o *Logos* Criador e Salvador. Portanto é um convite a olharmos com *stupore* o mundo criado, e todas as coisas que nele há. Inclusive a água, o feijão, a rosa e o pão.

Tomás de Aquino considera a Criação como um falar de Deus. Sendo o Verbo (Palavra), as criaturas, como que palavras decorrentes do Verbo Criador. Portanto as coisas “são” porque foram pensadas, proferidas, faladas por Deus – Verbo (in LAUAND, 2000, p. 10). Perceber “o ser” das coisas, perceber a essência das coisas, mesmo sem entendê-las completamente, mas podendo chegar nelas, na essência das coisas através da contemplação. Para Jean Lauand, pelo fato das coisas terem primeiramente sido pensadas por Deus é que elas nos são cognoscíveis, ou seja, “conhecíveis” pela inteligência humana, porque as criaturas procedem do *Logos* divino, elas são apreendidas por nós. Ao mesmo tempo, não podemos esgotá-las, porque procedem de uma inteligência superior (LAUAND, 2014). Tomás de Aquino nos convida ao olhar contemplativo para perceber esta existência. E é por não compreender completamente a complexidade das coisas e seu funcionamento, que

⁵ Utilizarei mística no sentido do grego “*mistikós*” (etimologicamente tem raiz na palavra mistério) = conhecimento direto e experimental de Deus em seus mistérios. Pode designar realidades ocultas, secretas, misteriosas; Celebração dos mistérios que operam a transformação de uma pessoa. Usava-se esta palavra para designar uma leitura e busca do sentido *mistikós* da Escritura, reconhecendo que o texto sagrado tem sempre um sentido simbólico, que revela uma realidade escondida. Entende-se também por *mistikós* os segredos da graça. O essencial da mística é a amorosa e misteriosa comunhão e comunicação com Deus; para aquele que a experimenta, gera um conhecimento mais íntimo e profundo de Deus; moção do Espírito Santo. Alguns *Mistikós*: Agostinho; Catarina de Sena; Francisco de Assis; João da Cruz; Tereza d’Avila; Tomás de Aquino (*Fonte: Ordem dos Carmelitas Descalços – Província de São José*).

⁶ Significa: grande surpresa – espanto – assombro – admiração; Na tradução para o português que está disponível na página oficial: Rádio do Vaticano, o texto utilizou a palavra surpresa e estupor, mas no original italiano, a palavra utilizada é *stupore*.

podemos vislumbrar racionalmente a complexidade daquele que Criou estas coisas (*Apud*, DE FRANCO, 2015). Adélia Prado diz: “eu não entendo a água, eu não entendo o abacaxi, eu não entendo o feijão. Alguém aqui entende o feijão?” (in LAUAND; CASTRO, 2009, p. 35). Bem, mas as coisas são como são, por que alguém lhes deu a forma. Para Tomás de Aquino, foi Deus quem pensou na forma de todas as coisas, e é por isto, que elas são (*Apud*, DE FRANCO, 2015). Portanto é um Deus doador do ato de ser, ato de ser-essência, é porque Deus doou o ato de ser, que as coisas são. Sendo assim, a criatura “tem” o ser, porque Deus é o Ser. E porque o ente tem o ser, ele não pode andar neste mundo sem se maravilhar com as coisas que são (LAUAND, 2016).

Interessantemente, as coisas que despertam a alegria, são coisas cotidianas, que estão sempre ali, mas que não conseguimos perceber. Exatamente nas “ações de cada dia, escondem o que há de mais profundo” (LAUAND, 2013, p. 55). Como diz Rubem Alves, existem coisas que não servem para nada: pôr do sol, moda de viola, um gole de pinga, um bom cafuné, um papo furado; “Por que os amamos? Porque nos dão prazer e alegria” (ALVES, 2011, p. 104). Na verdade “no mais simples, se esconde o maior mistério” (*Apud* GUARDINI, LAUAND, 2013, p. 55). Nesta mística cotidiana, existe um “tipo de prazer que nos faz apreciar algo sem preparação, mas simplesmente pelos atributos admiráveis do objeto” (LAUAND, 2016, p. 7). É o prazer de apreciar, é o mistério do “amor apreciativo”, que nos leva “a admirar a beleza das coisas de uma forma desinteressada [...] Alguém que contempla uma bela paisagem ou é surpreendido por um encantador aroma de flores” (LAUAND, 2016, p. 7). O perfume de uma rosa é um mistério.

3. A mística da rosa, do cotidiano, da arte e da beleza.

Pegando carona no convite tomasiano, precisamos aprender a aproveitar a simples contemplação, em grego “*theorein, theoría*”⁷, termo que significa “visão, simples visão – é um ver com olhar de amor, um ver que se entrega concentradamente ao objeto, como diz o filósofo Von Hildebrand: ausência de tensão de futuro” (LAUAND, 2016, p. 6). Como tolos passamos pela vida sem este olhar, “pensamos que a alegria está no final do caminho, e caminhamos distraídos” (ALVES, 2011, p. 13). Não prestamos a devida atenção. Segundo João Guimarães Rosa, o real da vida não está nem na partida, nem na chegada, mas “se dispõe para a gente no meio da travessia” (ROSA, 2006, p. 64). É um convite a contemplar todos os momentos da vida.

A médica geriatra Dra. Ana Claudia Quintana Arantes, garante que precisamos parar de desejar absurdamente o passar dos tempos e das horas, precisamos parar de desejar que a sexta-feira chegue rápido, que o ano passe rápido, que cheguem as próximas férias. Para ela, estamos na verdade desejando que nossa vida acabe rapidamente (QUINTANA ARANTES, 2015). Leonardo da Vinci disse certa vez:

⁷ Segundo o Dr. Rui Josgrilberg o elemento *theorein* - simples visão, que estamos procurando resgatar com Tomás de Aquino, “é da mesma raiz da palavra grega *theatron*, que significa lugar para olhar” (JOSGRILBERG, 2016). Desta forma podemos por analogia perceber que desejos “tertulianos” de impedir religiosos de desfrutarem do teatro – *theatron*, está nitidamente ligado ao desejo implícito de minar, de desestimular o simples prazer da contemplação – *theorein* (uma vez que ambas as palavras possuem etimologicamente uma raiz comum). Outro ponto importante é que sem *publicus* (latim) – povo, não se tem *theatrum* (latim) – teatro (ORIGEM DA PALAVRA, 2016). Logo, sem o outro não se tem contemplação, não se tem *stupore*.

Quando o homem espera com alegre impaciência o novo dia, a nova primavera, o ano novo, não pensa que deste modo aspira à sua própria morte (*Apud*, BAKHTIN, 2013, p. 44).

Rubem Alves, no seu livro *Desfiz 75 anos*, aponta o grande equívoco filosófico. Quando perguntamos para o aniversariante: “Quantos anos você tem? Quando o Correto é: Quantos anos você não tem mais?”. A sugestão para este novo olhar pode vir do abalo da morte. Para Alves, a “certeza da morte, deve adoçar nossa vida, deve dar perfume de leveza” (ALVES, 2012, p. 7 e 91). A certeza da morte deve nos empurrar para a deliciosa contemplação. Adélia Prado traz a necessidade e a urgência dessa “*theorein, theoría*”:

Meu Deus, me dá 5 anos [...] Me dá um natal e sua véspera [...] Me dá a negrinha fia para eu brincar [...] Me dá uma noite com minha mãe [...] Me dá a mão [...] Me cura de ser grande, ó meu Deus, meu pai, pai (PRADO, 2014, p. 12).

O anseio expresso por Adélia é um convite a olharmos o mundo com atenção redobrada, a apreciarmos a rica presença do outro e a beleza do momento.

Segundo Rubem Alves, o famoso pintor Monet, ficava desde a manhã, até o anoitecer, pintando vários quadros do mesmo monte de feno. Porque pintar tantos quadros do mesmo monte de feno? Bom, para as vacas famintas, o feno era o mesmo, mas para o pintor, cada mudança da luz era uma visão diferente do mesmo monte. Alves faz uma declaração assustadora: “o mundo está cheio de vacas”. Devemos como diz Alves, ver “as mesmas coisas com outra luz” (ALVES, 2013, p. 44-47). Como diz Josef Pieper, a riqueza da vida, da filosofia, “não está na satisfação das necessidades e desejos, nem no domínio da natureza, mas está no simples ato de ver” (PIEPER, 2007, p. 21). Não é necessário “distanciar-se das coisas do dia-dia” para ver o que ninguém mais está vendo. Mas “olhar para estas mesmas coisas com um olhar interpretativo, diferente do sempre utilizado”, ou ainda, “o utilizado por todos”. Ou seja, é fazer um julgamento distante das valorações corriqueiras (PIEPER, 2007, p. 40-41).

Ao entardecer no mato, a casa entre bananeiras, pés de manjeriço, cravo-santo, aparece dourada. Dentro dela, agachados na porta da rua, sentados no fogão [...] comem feijão e arroz, taioba, ora-pro-nobis, muitas vezes abóbora. Depois, café na canequinha e pito. O que um homem precisa falar, entre a enxada e sono: Louvado seja Deus! (PRADO, 2014, p. 42).

O texto acima é um convite à capacidade de se surpreender. Como bem elaborou Pieper, “ficar em silêncio, com a face admirável do mundo”. Perceber, no cotidiano e familiar, “o que é verdadeiramente estranho”. Capacidade de “admirar-se do comum” (PIEPER, 2007, p. 41-42). É proferir como Goethe aos 70 anos de idade: “existo para admirar” (*Apud*, PIEPER, 2007, p. 43), “louvado seja Deus”. Parafraseando Pieper, admirar-se é um permitir-se ser abalado pelas coisas, é permitir-se espantar-se pelas coisas ao seu redor – *mirandum* (PIEPER, 2007, p.42-43). Neste momento “o óbvio”, perde “sua obviedade compacta” (PIEPER, 2007, p. 44).

Quando surpreendidos pela leveza e beleza do cotidiano, podemos experimentar a mística do dia-dia. Segundo Rubem Alves, “a beleza é a sombra de Deus no mundo” (ALVES, 2012, p. 107). Portanto é uma mística baseada nas coisas

ao nosso redor, nas coisas do cotidiano, e não numa suposta experiência no mundo por vir. Ou seja, é uma admiração pelo que está aqui, um espanto pelo mundo em que vivemos. Jean Lauand, lembra com Heidegger, um episódio que está presente nos “alvores da filosofia”, quando visitantes impressionados com a fama de sabedoria de Heráclito, decidiram visitá-lo para descobrir como que este havia se conectado ao conhecimento divino:

Diz-se que Heráclito assim teria respondido aos estranhos vindos na intenção de observá-lo. Ao chegarem, viram-no aquecendo-se junto ao forno. Ali permaneceram de pé [...], ele os encorajou [...] a entrar, pronunciando as seguintes palavras: Mesmo aqui os deuses também estão presentes (LAUAND, 2012, p. 27).

Lauand explica que, é no ordinário que os deuses estão presentes, no inaparente cotidiano, junto ao forno que aquece o pão e a casa, na cozinha, “aqui mesmo que estão os deuses” (LAUAND, 2012, p. 27).

Esta disposição de experimentar a mística do cotidiano nos leva a escutar a voz de Deus em meio a uma música, num determinado lugar, num determinado momento. A mística está exatamente no poder admirativo do espanto de somente você sentir a presença do divino onde ninguém mais perceberia. Adélia Prado em seu livro traduzido para o inglês, *The Mystical Rose*, deixa claro o encontro com o sagrado:

Uma vez eu estava diante de uma casa com duas copaíbas [...] A cada instante meu pai mencionava as copaíbas, como reportando uma nova: Deus falou com Moisés destas muitas árvores? Bem então. Duas copaíbas, duas horas da tarde, todos fazendo café. Uma voz anunciou: você e seu irmão brinquem aqui perto; não devem ir longe. O mundo acenou, flores aqui, as estrelas lá em cima. Nem Salomão em toda a sua glória estava tão feliz [...] Tudo que eu queria era dizer: Oh Beleza, eu adoro Você (PRADO, 2014, p. 126-127).

Esta explosão de agradecimento é pela percepção que, através da beleza de uma tarde diante de casa, brincando com o irmão, imaginando que se Deus falou com Moisés, poderia falar daquelas árvores conosco também. Adélia Prado, sentindo o cheiro do café, escutando a voz da mãe, olha ao redor, sente o espanto, é abalada pela beleza do momento. A voz da mãe entre as árvores soaram divinamente. Segundo Jean Lauand, a “admiração é um abalo. E é pelo abalo da admiração que surge a questão filosófica, que longe de afastar-se da realidade cotidiana, volta-se para ela sob um ângulo não-cotidiano, posto à luz no abalo admirativo” (LAUAND, 2012, p. 26). Admirar-se de um momento especial, de um lugar especial, de uma música especial.

Nessa busca do admirável, do *mirandum* (PIEPER, 2007, p. 45), o elemento admirativo que conduz à mística, valemo-nos de Adélia Prado:

a alma criadora sensível, um belo dia se admira desse ser extraordinário, essa água que está tremeluzindo aqui na minha frente e, na verdade, eu não entendo a água, eu não entendo o abacaxi, eu não entendo o feijão. Alguém aqui entende o feijão? Admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas admirar-se do que é natural, só para quem está cheio do Espírito Santo [...] Como quando um dia, num caminho habitual, você se espanta [...] aí você pode dar graças: você está tendo uma experiência poética, que é ao mesmo tempo religiosa (*Apud*, LAUAND, 2012, p. 29).

“Ô Beleza, tú és minha alegria” (PRADO, 2014, p. 132). Uma ocasião estava eu no Rio de Janeiro, num boteco no Leblon, a alegria contagiante do carioca, a praia, a beleza natural, o chopp gelado, a calçada lotada, as piadas, as risadas, a família, a alegria, os filhos, emocionei-me. Ao ouvir Alcione, a Marrom, cantando (a música tocava em algum lugar, talvez somente na minha cabeça):

...Quando eu não puder; Pisar mais na avenida; Quando as minhas pernas; Não puderem aguentar; Levar meu corpo; Junto com meu samba; O meu anel de bamba; Entrego a quem mereça usar;
Eu vou ficar; No meio do povo espiando; A Mangueira perdendo ou ganhando; Mais um carnaval; Antes de me despedir; Deixo ao sambista mais novo; O meu pedido final;
Não deixe o samba morrer; Não deixe o samba acabar; O morro foi feito de samba; De Samba, pra gente sambar...
(MARRON, 1976).

Você pode se perguntar. Abalado pela beleza? E os problemas do Rio de Janeiro? E a crise do país? A pobreza, a insegurança, a corrupção? Bem, “minha alma sabia que a ordem morava no meio do caos e ela estava disposta a suportar o horrendo do caos pela beleza quase inaudível que existia no meio dele” (ALVES, 2012, p. 65). A síntese deste artigo, que se encontra neste momento místico que tive, e que foi ampliada em um texto de Rubem Alves, onde ele busca traduzir esta experiência, em uma mística religiosa.

Aí me veio uma ideia em forma de uma pergunta que me pareceu uma revelação: a vida toda não será assim, uma luta contra o caos sem sentido em busca de uma beleza escondida? E essa busca da beleza, não será ela a essência daquilo a que se poderia dar o nome de sentimento religioso? Sentimento religioso, como eu o entendo, nada tem a ver com ideias sobre o outro mundo. É algo parecido com a experiência que se tem ao ouvir a Valsinha do Chico, ou a primeira balada de Chopin [...] A beleza está além das palavras, exceto quando as palavras se transformam em música, como na poesia (ALVES, 2012, p. 65-66).

Ao contemplar aquela cena, aquela canção em meus ouvidos, imaginei o povo sofrido subindo e descendo o morro, rindo, trabalhando, ensaiando o enredo do próximo carnaval, o chopp e a feijoada, o Cristo Redentor de braços abertos, o samba, a voz da Marrom: pura emoção. Adélia Prado escreve, “quando escutei esta cantiga era hora do almoço a muitos anos. A voz da mulher cantando vinha da cozinha, [...] a voz [...] continua tinindo, [...] linda, [...] viaja dentro de mim, [...] canta, canta mulher, [...] canta que eu acho minha mãe, [...] meu pai, [...] canta que eu acho a minha vida” (PRADO, 2014, p. 108). Para Adélia a mística está numa canção, numa lembrança. Portanto,

inútil é o batismo do corpo, o esforço da doutrina para consagrar-nos, não comer, não beber, não mexer os quadris [...] porque estes não são pecados do corpo [...] O corpo não tem buracos negros, unicamente inocência e beleza, tanto quanto que Deus imita-nos e quer casar Sua igreja, e declara que o seios dela, são como duas gazelas gêmeas...
(PRADO, 2014, p. 92).

Considerações finais

A poesia da vida é divina. A poesia é salvação (PRADO, 2014, p. 63). Às vezes procuramos insistentemente Deus nas igrejas, nas rezas, nos rituais, nos símbolos. Deixamos de comer determinados alimentos, deixamos de beber “determinados líquidos”, deixamos de dançar, de brincar. Tudo isto em busca de santidade. De acordo com Rubem Alves, “se Deus existe, a beleza é o seu jeito de se comunicar com os mortais” (ALVES, 2012, p. 64). A poetisa Americana Emily Dickinson, falecida em 1886, escreveu:

Alguns guardam [o dia] indo à Igreja; Eu o guardo ficando em casa; tendo um Sabiá como cantor; e um Pomar por Santuário. E ao invés do repicar dos sinos na Igreja, nosso pássaro canta na palmeira; é Deus que está pregando, pregador admirável. E seu sermão é sempre curto; Assim, ao invés de chegar ao Céu, só no final, eu o encontro o tempo todo no quintal (*Apud*, ALVES, 2012, p. 64-65).

Como diz Adélia Prado: “A vida é mais tempo alegre do que triste, melhor é ser” (PRADO, 2014, p. 46; 2014, p. 27). Rubem Alves, parafraseando o capítulo 1 do Evangelho de João, diz que antes não havia nada, apenas a poesia, a poesia estava com Deus, a poesia era Deus, a poesia se fez carne. Jesus é poesia encarnada (ALVES, 2007, p. 23). Neste sentido, a arte da vida, percebida e experimentada nos encontros, nos abalos admirativos de beleza, na poesia do cotidiano, é divina, é mística. “Deus é um jeito de ser” (ALVES, 2007, p. 101-102). Portanto não podemos deixar de ver a poesia da vida, presente no cotidiano. Quando deixamos de ver a beleza das coisas ao nosso redor, deixamos de experimentar a mística da vida. “O poeta e o artista são seres paradisíacos” (ALVES, 2011, p. 110), deixar de ver a beleza da vida, é perder a alegria, é ver apenas a feiura do mundo, é não saborear o paraíso.

“A alegria está ligada à beleza, a alegria é mania de beleza” (ALVES, 2011, p. 117). “O amor de Deus e a Beleza Dele são um, são a mesma” (PRADO, 2014, p. 137). Como diz Rubem Alves, “acredito que beleza e alegria são divinas. É isto que faz o ser humano contemplar tragédias sem ser consumido por elas” (ALVES, 2011, p. 114). Adélia Prado em um verso genial de seu livro *The Mystical Rose* enfatiza, “*Once in while God takes poetry away from me. I look at stone, I see a stone*” (PRADO, 2014, p. 58). Não quero parar de ver a beleza da vida, preciso lutar contra “o aburguesamento do espírito”, que segundo Jean Lauand, “ocorre quando o homem já não é capaz de se admirar ou precisa de sensacionalismo do estapafúrdio para provocar em si [...] verdadeira admiração” (LAUAND, 2012, p. 27). Para Adélia Prado,

Admirar-se do que é natural é que é o bacana; admirar-se da água aqui, quem é que se admira da água, a que estamos tão habituados? [...] Admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo. Eu quero essa vidinha, essa é que é boa, com toda a chaturinha dela e suas coisas difíceis [...] O cotidiano tem para mim esse aspecto de tesouro (*Apud*, LAUAND, 2012, p. 29-30).

Adélia Prado, que vive profundamente a espiritualidade de Tomás de Aquino (LAUAND, 2016), não se cansa de se encantar com o Ser que as coisas têm. Não se cansa de experimentar o conceito de participação *tomasiano*. Encaminha-nos, a

desfrutarmos o tempo todo, em nosso dia-dia, de uma experiência poética, que nas palavras dela também é religiosa.

A arte está no mesmo caminho da mística ou da fé religiosa [...] a beleza é uma experiência [...] quando um dia, num caminho habitual, você se espanta com algo – uma casa, uma obra, uma coisa [...] aí você pode dar graça: você está tendo uma experiência poética, que é ao mesmo tempo, religiosa (*Apud*, LAUAND, 2012, p. 29).

O que é proposto neste ensaio não é um olhar de alienação, longe disto, é um olhar poético-religioso para esta vida, que nos conduza ao *stupore* com o cotidiano ao nosso redor. Que nos leve a “ver” o Céu que se encontra aqui mesmo, na música, no morro, no samba, na rosa. Como diz Jean Lauand, “não que esses abalos nos levem do cotidiano para outro mundo; não! O que eles fazem é dar-nos um novo olhar – o de espanto e admiração [...] sobre a mesma velha realidade [...] Tal como no abalo filosófico (ou artístico) sentimo-nos arrancados de uma porção de coisas, permanecendo no mesmo lugar” (LAUAND, 2009, p. 37).

David H. Nikkel⁸, no seu artigo *The Mystical Formation of Paul Tillich*, lembra que Paul Tillich⁹, após ter atuado como capelão na Primeira Guerra Mundial, se tornou uma pessoa “doente da alma”. Começou a estudar revistas, livros e artigos sobre artes clássicas, em busca de algum senso de esperança e beleza. Nesta trajetória, ele se deparou com a obra do pintor italiano Sandro Botticelli (1445-1510). Depois de apreciar sua obra nos periódicos de arte, decidiu ir ao *Kaiser Friedrich Museum* em Berlim. Foi então que ele se deparou com *Madona with singing Angels*, e disse: *I turned away shaken*. Tillich foi arrancado do chão, chacoalhado. Em uma entrevista a uma revista em 1955, ele afirmou que aquele momento de êxtase nunca mais se repetiu, e que aquela experiência lhe trouxe alegria vital (NIKKEL, 2006). Paul Tillich concluiu:

Aquele momento afetou toda minha vida, deu-me as chaves para a interpretação da existência humana, trouxe vitalidade e verdade espiritual. Eu o comparo com o que é usualmente chamado de revelação na linguagem religiosa (*Apud*, CALVANI, 2005, p. 55).

Portanto experiências de beleza, uma vez que *participatio* da mente divina, pode acontecer com qualquer coisa ao nosso redor, e nos deixar suspensos, abalados e admirados. Pode acontecer com uma música, com uma obra de arte, ou simplesmente pela beleza de uma cena, de uma cidade. Adélia Prado amplia o entendimento quando escreve:

o que pude oferecer sem mácula foi meu choro por beleza [...] Rio de Janeiro que visitei uma vez e me deixou suspensa [...] Rio de Janeiro uma beleza (PRADO, 2014, p. 137 e 9).

O que precisamos é não deixar de contemplar o maravilhoso ao nosso redor. Na verdade é apreciar o *stupore* presente no cotidiano, na arte, na beleza, na rosa, que

⁸ Bacharel em Arte, Mestre em Divinity e PhD em Estudos Religiosos.

⁹ Paul Johannes Oskar Tillich (1886 - 1965) foi um teólogo alemão, filósofo da religião, capelão do exército na 1ª. Guerra Mundial, um dos mais influentes teólogos protestantes do século XX. Tendo perdido sua cátedra por causa de suas posições anti-nazistas, Tillich emigrou para os Estados Unidos em 1933, foi professor de Teologia Filosófica no Union Theological Seminary, Columbia University, Harvard e Universidade de Chicago. Recebeu o prêmio da paz dos editores alemães em 1962.

nos arranca do chão, que nos suspende. “Como os pastores de Belém, possam também os nossos olhos encher-se de espanto e maravilha, contemplando” (FRANCISCO, 2015) as pessoas ao nosso redor. “Porque desde que aconteceu o Natal de Jesus, cada rosto assemelha-se ao Filho de Deus” (FRANCISCO, 2015).

Adélia Prado pinta o quadro desta mística:

Um tempo nós fomos a um piquenique. Nós fizemos Almôndegas, para colocarmos no pão. Eu me lembro da curva do rio, eu sentei na areia. Era um domingo [minha mãe] estava exausta, ela pacientemente respondeu a todas minhas questões. Se o Céu for simples assim, ele será perfeito (PRADO, 2014, p. 171).

Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. *Desfiz 75 anos*, Campinas/SP: Papyrus, 2012
- _____, Rubem. *Perguntaram-me se acredito em Deus*, São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2007
- _____, Rubem, *Se eu pudesse viver minha vida novamente*, Campinas/SP: Verus Editora, 2012
- _____, Rubem. *Variações sobre o prazer: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette*, São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2011
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular da Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais*, São Paulo: Hucitec, 2013
- JOSGRILBERG, Rui de Souza. *Teologia e Ética*, Aulas do Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião, UMESP-SBC, 1º.semestre/2016
- LAUAND, Jean; CASTRO, Roberto C. G. (orgs.). *Filosofia e Educação: Universidade*, São Paulo: CEMOROC (EDF-FEUSP) / FACTASH Editora, 2011
- LAUAND, Jean, *Abalo filosófico e afins. Por uma Pedagogia da Admiração*, International Studies on Law and Education 10 jan-abr 2012, CEMOrOc - Feusp/IJI-Univ. do Porto
- _____, Jean, *Teologia e Ética: Estudos Tomasianos*, São Paulo: CEMOROC (EDF-FEUSP) / FACTASH Editora, 2013
- _____, Jean, *Teologia e Ética*, Aulas do Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião, UMESP-SBC, 1º.semestre/2016
- _____, Jean, *Transformações da linguagem: a gíria “curtir” e as conjunções adversativas- 2 estudos*, Notandum 40 jan-abr 2016/CEMOrOC-Feusp/IJI- Univ. do Porto
- LAUAND, João Sérgio (org.). *Tema e Figuras do Pensamento Medieval*, São Paulo: CEMOROC (EDF-FEUSP) / FACTASH Editora, 2009
- MANUAL da Igreja Adventista do 7º. Dia. Tatuí/SP: CPB, 2008
- PIEPER, Josef. *Que é filosofar?* São Paulo/SP: Ed. Loyola, 2007
- PRADO, Adélia. *Bagagem*, Rio de Janeiro/RJ: Ed. Record, 2014
- PRADO, Adélia. *The Mystical Rose: Selected Poems (Translated by Ellen Doré Watson)*, USA: Bloodaxe Books, 2014
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, Rio de Janeiro/RJ: Ed. Nova Fronteira, 2006

ROSA, João Guimarães. *Noites do Sertão*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Record, 1988

SUÁREZ, Adolfo S., *Redenção, Liberdade e Serviço: Ellen White e o processo de construção humana*. Eng. Coelho/SP: UNASPRESS, 2012

WHITE, Ellen G., *Eventos finais*. Tatuí/SP: CPB, 2008

Referências digitais

CALVANI, Carlos Eduardo B., *Momentos de beleza – Teologia e MPB a partir de Tillich* – In: Revista Eletrônica Correlatio número 8 de outubro de 2005 - <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/.../1733> - acessado em 05/06/2016

DE FRANCO, Gui. In: Vídeo Aula de Filosofia do Curso Poliedro - <https://www.youtube.com/watch?v=OWRb5AEGHgs> – acessado em 27/09/2015

FRANCISCO, Papa. In: Missa da Noite de Natal (texto homilia) em 24/12/2015 - http://pt.radiovaticana.va/news/2015/12/24/papa_celebra_missa_da_noite_de_natal_-_texto_da_homilia/1196774 - acessado em 14/04/2016

FRANCISCO, Papa. In: Mensagem de Natal do Papa em 2015: Ver a surpresa do Natal no outro, na história, na igreja - http://pt.radiovaticana.va/news/2015/12/20/papa_-_ver_a_surpresa_natal_no_outro_hist%C3%B3ria,_igreja/1195780 - acessado em 14/04/2016 - Original italiano - <http://www.toscanaoggi.it/Vita-Chiesa/Papa-Francesco-Angelus-storia-non-e-regolata-da-economia-finanza-o-affari-.Dio-scombina-le-carte> - acessado em 14/04/2016

LAUAND, Jean. In: Series - Eclipse de Deus. *Logos Ludens, o Deus que cria brincando* de 05/11/2014 - <https://www.youtube.com/watch?v=7-i1T1fJsUU> – acessado em 22/09/2015 – palestra de 2014

_____, Jean. *Deus Ludens – O lúdico no pensamento de Tomás de Aquino e na pedagogia Medieval* – <http://hottopos.com/notand7/jeanludus.htm> - acessado em 20/10/2015

MARROM, Alcione. In: Alcione cantando Não Deixe o Samba Morrer em 1976 (ganhadora do Globo de Ouro de 1976) - <http://sambacarioca.com.br/samba/alcione-cantando-nao-deixe-o-samba-morrer-em-1976/> - acessado 15/04/2016

In: Composição: Edson Conceição / Aloísio (Música e Letra). <https://www.letras.mus.br/alcione/44027/> - acessado em 12/04/2016

NIKKEL, David H., *The Mystical Formation of Paul Tillich* – 12/05/2006 - <http://www.metanexus.net/essay/mystical-formation-paul-tillich> - acessado em 05/06/2016

NORMAS CRISTÃS, e estilo de vida - In: IASD-documento votado no final de 2012 <http://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/estilo-vida-conduta-crista/> - acessado em 14/04/2016

ORIGEM DA PALAVRA, In: Etimologia. <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/teatro/> - acessado em 16/06/2016

QUINTANA ARANTES, Ana Claudia. In: a morte ensina a viver - de 24/06/2015 - <https://www.youtube.com/watch?v=MWwbYmGaDmI> – acessado em 11/04/2016

Recebido para publicação em 18-06-16; aceito em 22-07-16